

De Edifício Força e Luz a Centro Cultural CEEE Erico Verissimo

*Flávio Kiefer**

*From Edifício Força and Luz to
Centro Cultural CEEE Erico Verissimo*

RESUMO: Considerando, no Brasil, o crescente aumento dos projetos ligados à restauração, à reciclagem de edifícios ou à re-arquitetura, o texto aborda o processo de transformação do antigo Edifício Força e Luz em Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, realizado em Porto Alegre. Tem como foco principal a descrição das principais questões do processo de trabalho, expondo desde o exame de documentos históricos e a análise das condições iniciais encontradas no edifício, às questões enfrentadas para a adaptação de um novo e complexo programa à realidade das condições do edifício existente, permitindo, afinal, a formulação da base de concepção do novo centro.

Palavras-chave: patrimônio, processo, referência histórica, lugar.

ABSTRACT: Considering, in Brazil, the growing raise of the projects linked to restoration, building recycling or re-architecture, the text discusses the process of transformation of the ancient building Força e Luz in Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, in Porto Alegre. It has its focus in the description of the main questions of the work process, showing since the historical documents exams and initial conditions found in the building to issues faced for the adaptation of a new and complex program to the reality of the building, allowing a basis formulation of a new center conception.

* Flávio Kiefer é Arquiteto, mestre e doutorando em arquitetura pelo PROPAP/UFRGS, professor do Faculdade de Arquitetura do UNIRITTER em Porto Alegre.

Introdução

Esse texto foi escrito originalmente para o Seminário Internacional Museus, Museografia e Arquitetura de Museus, organizado pelo PROARQ da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005. A oportunidade de republicá-lo de forma ampliada na *arq.urb* possibilita uma maior divulgação da experiência de transformação do antigo Edifício Força e Luz em Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo. Trabalhos desse tipo ocupam um lugar cada vez maior na rotina dos escritórios brasileiros, no entanto, os profissionais carecem de oportunidades de intercâmbio de suas experiências. Esse edifício foi projetado por Adolf Stern em 1926 e inaugurado em 1928, quando passou a abrigar a sede da principal companhia de energia elétrica do Estado, hoje Companhia Estadual de Energia Elétrica – CEEE. As dificuldades de atender os quesitos contemporâneos de segurança e conforto fizeram com que o prédio fosse paulatinamente desocupado na década de 1990, permanecendo abandonado por alguns anos. O projeto do centro cultural teve início em janeiro de 2001 e a obra foi concluída em dezembro de 2002.

O CCCEV, localizado no centro de Porto Alegre, abriga o acervo literário de escritores gaúchos, museu da eletricidade e diversos espaços complementares em 2.800m² de área construída. A realização do projeto encontrou grandes dificuldades para resolver a acessibilidade, segurança e conforto dos usuários sem comprometer os valores de um edifício tombado pelo patrimônio histórico do estado. A opção pela presença discreta dos elementos de infraestrutura também se tornou um complicador importante.

Esse trabalho se insere naquilo que José Artur D’Aló Frota tem chamado de re-arquitetura (FROTA, 2004). É arquitetura feita a partir de uma arquitetura existente, onde a motivação não é a pura restauração, mas a garantia de permanência de valores históricos e arquitetônicos em uma nova arquitetura. É a construção do presente englobando o passado, em busca de um sentido de permanência histórica.

A defesa do patrimônio histórico arquitetônico e, por consequência, os temas da restauração, reciclagem de edifícios ou re-arquitetura vêm, desde o final dos anos 70, assumindo importância social cada vez maior. Hoje, é possível dizer que já existe no Brasil uma predisposição para o reaproveitamento dos edifícios antigos nas nossas cidades, desde que a motivação para sua preservação tenha bem fundamentada uma justificativa cultural, econômica ou ambiental.



Figura 1 - Fachada do Edifício Força e Luz antes do processo de re-arquitetura. Foto: acervo CEEE

O movimento de defesa do patrimônio histórico em nosso país, em reação aos excessos demolidores dos anos da ditadura militar, tornou-se um tão forte mobilizador social e desestabilizador da ordem vigente que a defesa de edifícios antigos passou a ser entendida como uma novidade política, ganhando espaço na imprensa. É verdade que durante os anos mais duros da ditadura, importantes testemunhos da história das cidades brasileiras desapareceram silenciosamente para dar lugar ao progresso modernizante. Junto com o vigor da proteção do patrimônio histórico veio a necessidade de elaboração de projetos de reaproveitamento desses edifícios. Um marco referencial dessa nova atividade foi a obra de Lina Bo Bardi de 1977 para o SESC Pompéia em São Paulo (BARDI, 1993), transformando uma antiga fábrica

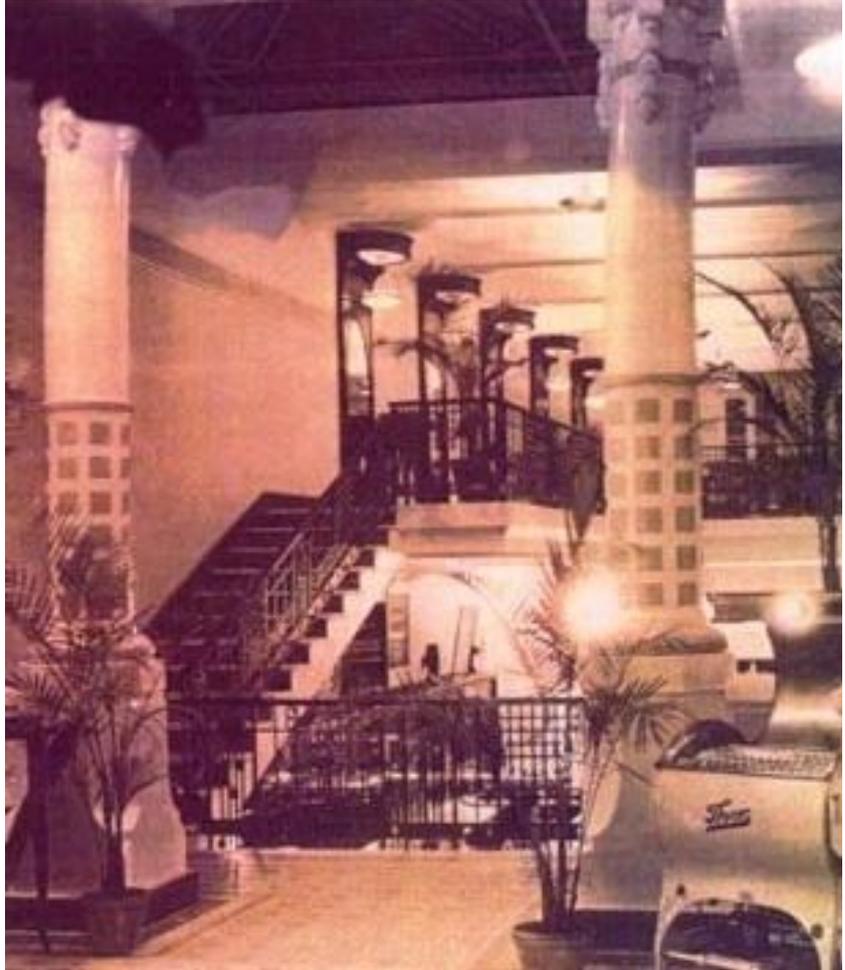


Figura 2 – Loja em dois níveis e mezanino com salão de chá na época da inauguração do Edifício Força e Luz. O vitral está escurecido no primeiro plano. Foto: acervo CEEE

abandonada em centro cultural. Lina conseguiu salvar da demolição um edifício que não chegava a suscitar grandes ímpetos protecionistas. Na verdade, o reaproveitamento do patrimônio construído não tem nada de novo, a própria Lina já havia reabilitado o Solar do Unhão em Salvador nos anos 1960. O que aconteceu foi que essa atividade durante boa parte do século XX perdeu prestígio e ficou carente de uma consistente doutrina teórica, gerando conflitos na hora das decisões de projeto e acaloradas polêmicas entre os encarregados da proteção do patrimônio histórico. Uma fonte de discussões, por exemplo, diz respeito à extensão e limites da intervenção sobre os edifícios existentes: até onde vai a liberdade do arquiteto responsável pela refuncionalização do edifício? Outra questão importante é a especialidade nesse tipo de trabalho: será que em função da peculiaridade de seus condicionantes de projeto existe uma maneira de projetar exclusiva para edifícios existentes?

A proteção e tombamento de edifícios de valor arquitetônico e histórico no Brasil, via de regra têm sido acompanhadas de uma proposta de transformação desses edifícios em museus ou centros culturais. Em Porto Alegre, essa tendência tem levado a um exagerado número de edifícios antigos reaproveitados para a função cultural. Já o número de projetos de novos edifícios para programas culturais, museus inclusive, é ínfimo. A minha experiência



Figura 3 - Vitral do térreo depois da restauração. A idéia inicial era elevá-lo até o quarto pavimento, mas houve discordância dos responsáveis pelo patrimônio histórico do Estado. Foto: Beto Rodrigues.

em duas grandes reciclagens de prédios tombados em Porto Alegre – Majestic Hotel em Casa de Cultura Mário Quintana e Força e Luz em Centro Cultural CEEE Erico Verissimo – permite o testemunho sobre as dificuldades de suprir as carências de espaços culturais de uma comunidade pela via da reciclagem de edifícios históricos. Se aqui não é o lugar para se debater a importância da valorização de outros usos para os edifícios históricos, já que estamos justamente tratando de centros culturais, cabe alertar para o perigo da ênfase exagerada em torno da utilização desses edifícios para fins culturais.

Fundamentação

A transformação do Edifício Força e Luz em Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo (fig. 1), voltado à literatura, foi um processo muito rápido. Em menos de dois anos, as idéias alinhavadas pelas diversas instituições que se associaram ao projeto (CEEE, PUC, ALEV) se transformaram em realidade, sendo que três quartas partes desse período foram dedicadas à elaboração e aprovação dos projetos nos órgãos competentes. Se fosse a construção de um prédio novo, com um programa simples, já seria uma tarefa difícil de realizar. O que dizer, então, dessa idéia de juntar literatura e eletricidade em um edifício antigo, abandonado por sua insegurança e quase insalubridade?



Figura 4 - Café no mezanino, mesmo lugar do antigo salão de chá à época da inauguração do edifício.
Foto: Beto Rodrigues

A diferença marcante em relação à experiência da reciclagem do Majestic Hotel, passados 15 anos, foi a mudança na legislação, que se tornou tão rigorosa quanto para os demais edifícios. O fato de ser um empreendimento privado (apesar de o prédio ser público) também possibilitou uma outra dinâmica, com muito mais agilidade para elaboração do projeto e controle da obra. Hoje, a reciclagem de um edifício histórico, além de ser submetida aos diversos órgãos fiscalizadores dos prédios tombados, deve contemplar as mesmas normas de segurança, acessibilidade, proteção contra fogo e outras, exatamente como se fosse um edifício novo. Antigo sim, mas em dia com as normas de conforto e segurança do mundo contemporâneo. Diante da realidade das condições do edifício e de todos esses condicionantes que o projeto deveria atender, não havia outra possibilidade: só uma reciclagem geral do edifício, ou sua re-arquitetura, permitiria chegar a bom termo. Sem deixar de lembrar, claro, que a valorização da arquitetura deste edifício, proveniente principalmente da sua fachada e do seu referencial cultural para os porto-alegrenses, estava na origem desse grande empreendimento cultural.

Análise e história

O edifício Força e Luz, antiga sede da CEEE, diga-se a verdade, não era nenhum primor arquitetônico, mas tinha uma fachada com características de época bem marcadas, uma loja espacialmente muito interessante, com seu vitral, escadarias e colunas (fig. 2 e 3). Mas mais do que tudo, o prédio era uma referência à eletricidade do Rio Grande do Sul e um dos primeiros prédios exclusivamente de escritórios de Porto Alegre. Construtivamente, ele revelava uma falta de erudição, algumas improvisações e muitos mistérios. É impossível tentar entender, por exemplo, a quantidade de desníveis que ele abrigava ou a existência de um salão de pé-direito triplo nos fundos do edifício e em lugar inacessível – o acesso era feito por uma ponte inclinada que atravessava o poço de ventilação. Até mesmo a finalidade da sua construção, a partir de 1926, é desconhecida. O que é certo é que em 1928, quando concluído, jornais da época publicam a notícia de sua locação para a Companhia Brasileira de Força Elétrica para instalação de sua sede regional e loja de produtos elétricos. Pelo exame dos documentos e datas, pelo curto período entre a compra dos terrenos (1925), início das obras (1926) e a referida locação (1928), tudo leva a crer que o prédio nunca teve ocupação anterior. As várias histórias sobre as finalidades



Figura 5 – Vista do térreo durante as obras. Abertura de um túnel de fuga para a nova escada de incêndio externa. Foto: Beto Rodrigues

do edifício (cassino com bordel de luxo) provavelmente tenham origem nas intenções iniciais dos proprietários que, por alguma razão, não chegaram a realizá-las. Em todo caso, os rumores trazem uma explicação plausível para a existência dos inúmeros salões, a maioria nos fundos do edifício e com acessos não-condizentes com sua importância. Entretanto, a sucessão de desníveis no interior do edifício, que complica sobremaneira a circulação interna e a clareza arquitetônica, demonstrando um certo empirismo construtivo não-compatível com o engenheiro da obra, Adolfo Stern, permanece inexplicada. Sobre o uso dos andares superiores e os grandes salões dos fundos não se tem notícias.

A Companhia Brasileira de Força Elétrica, logo que assumiu a posse do imóvel, deu início à série de intervenções que o edifício viria a sofrer, adaptando-o às suas finalidades e inaugurando-o no final de abril de 1929. A Companhia inseriu seu nome na fachada, construiu um acesso recuado com porta lateral e vitrina. A imprensa deu grande destaque para a data de inauguração, principalmente pela inusitada loja de eletrodomésticos e vitrina profusamente iluminada. O edifício passou a ser uma referência na cidade, vinculado à idéia de eletricidade; idéia reforçada pelo antigo luminoso e pelas letras de cimento na fachada, que existem até hoje, com os dizeres Força e Luz.

Desde sua inauguração até sua transformação em central de serviços da Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE, o edifício não parou de sofrer adaptações e reformas, muitas das quais



Figura 6 - Antigos poços de ventilação e iluminação durante as obras de demolição das paredes. Foto: Beto Rodrigues

prejudicaram a qualidade de sua arquitetura e a já difícil leitura de sua planta interna. Foram feitos diversos mezaninos e adaptações de sanitários. A série de reformas e tentativas de atualização do edifício, com a introdução de ar condicionado e outros confortos modernos, resultou num todo tão caótico que acabou levando, até por questões de segurança, à sua desocupação. Tudo isso acabou prejudicando a arquitetura do interior do edifício, que à exceção da loja do térreo, tem seu maior valor, justamente, na escala e proporção de suas salas.



Figura 7 - Fixação da estrutura metálica de suporte dos pisos e formação da caixa de corrida dos novos elevadores. Foto: Beto Rodrigues

O que motivou o tombamento deste edifício foram as suas fachadas e seu valor como referência histórica. Nos andares superiores, encontramos interesse em parte das esquadrias, no mármore de revestimento do corpo da escada e na ambiência provocada pela face interna da fachada principal sobre as salas frontais. Destacou-se sobremaneira a sala do 2º pavimento, um verdadeiro salão nobre. Grande parte das esquadrias das fachadas dos fundos eram funcionais e não demonstravam que tivesse havido preocupação formal ou de composição em seu projeto. Antigos elevadores, ocupando o vazio da escada, foram substituídos, perdendo o interesse que devem ter tido.

Método de Trabalho

Os procedimentos de trabalho não fugiram à maneira tradicional de projetar - ou reprojetar - em uma pré-existência de valor histórico, mas vale, como registro, arrolar os principais procedimentos:

- Visita ao local
- Conhecimento do problema
 - programa de necessidades – o quê
 - levantamento do local (exaustivo) e contexto - onde
 - conhecimento dos recursos técnicos – como
 - conhecimento dos recursos econômicos – com quanto



Figura 8 - Transformação de um dos poços de ventilação e iluminação em circulação vertical mecânica. Montagem das divisórias, piso e forro de vidro do hall dos elevadores. Foto: Beto Rodrigues

- organograma – organização
- fluxograma – percursos
- Levantamento da documentação (motivo do tombamento e quem fez)
- Levantamento cadastral (desenho 2)
- Diagnóstico: patologias da construção, problemas e potencialidades arquiteturas
- Fotos e desenhos
- Análise de alternativas e possibilidades
- Croquis, cálculos e verificações gerais - domínio das variáveis
- Proposta conceitual
 - croquis e texto
- Estudo Preliminar / Anteprojeto Arquitetônico
- Aprovação em órgãos e comissões - negociação
- Gerenciamento dos projetos complementares
- Projetos Executivos
- Fiscalização da Execução

Conhecido e dimensionado o problema, em seus aspectos programáticos, técnico e funcional, foi feito um diagnóstico das condições do local, em busca de problemas e potencialidades, transcrito na íntegra a seguir:

Térreo - nível 1 e 2

Segregação excessiva entre a loja e o restante do prédio.

Dois acessos independentes, podendo gerar conflito e dificuldade de apreensão da nova função do edifício, que terá ocupação única.

Identificação sobre uma das portas irremovíveis (valor histórico dos dizeres Força e Luz) gerando dificuldade de implantação da nova comunicação visual.

Antiga vitrina da loja Força e Luz foi agregada ao espaço original, de forma não muito elegante, e encontra-se totalmente

descaracterizada. Uma interessante porta lateral, sem uso na configuração atual, merece reaproveitamento e destaque.

Os lanços de acesso aos diversos níveis da loja foram alargados.

Os elevadores estão fora de condições de uso, são muito pequenos (quatro pessoas cada) e não apresentam maior interesse, fora o fato de ocuparem o vão central da escada.

A circulação de acesso e as escadas até o segundo pavimento têm revestimento de mármore em meia-parede.

Térreo - nível 3

Jirau improvisado sobre o nível 2, atrapalhando sua espacialidade.

Banheiros acrescidos sobre os poços de ventilação descaracterizam a planta, estão em péssimas condições de uso e não têm localização favorável.

Estes níveis não têm ligação com a circulação vertical do edifício, sendo impossível o acesso pelos elevadores sem descaracterizar os valores espaciais deste pavimento.

2° Pavimento

Primeira planta integral, com desnível de apenas 1m, formando um “L” composto por dois blocos distintos interligados por um corredor.

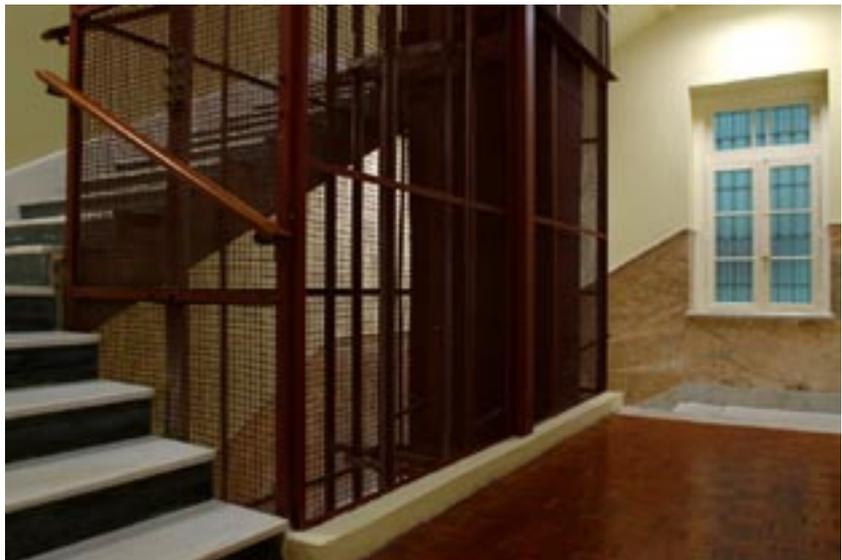


Figura 9 - A escada original do edifício foi transformada em saída de emergência. A caixa de corrida dos elevadores, que ocupava o vazio central da escada, foi aproveitada para instalação do sistema de pressurização contra fumaça. Foto: Del Re + Stein.

Compartimentos de uso específico da CEEE acrescentados ao longo do tempo.

Grande sala para a Rua da Praia, com grande nobreza e servindo como ótimo documento de época.

Grande salão nos fundos, com alto nível de reverberação sonora.

3º Pavimento

Planta com excesso de desníveis, não permite uma leitura clara de sua articulação. Os dois blocos são interligados por uma passarela em



Figura 10 – Os novos elevadores passaram a ocupar um dos antigos poços de ventilação e iluminação. As antigas janelas da escada permaneceram, recebendo tratamento anti-fogo. Foto: Del Re + Stein

rampa que cruza sobre o poço de ventilação e iluminação esquerdo. O que seria a ligação natural entre os dois blocos é ocupada por um sanitário, além das lajes serem desniveladas.

Solução de planta nem um pouco erudita, beirando a improvisação, tornando difícil ler as intenções de projeto originais deste e do 4º pavimento.

Excesso de revestimentos modernos, sem qualidade e deteriorados.

O pé-direito duplo permitiu acrescentar ao longo do tempo:

a) mezanino metálico no amplo salão dos fundos;

b) amplo sanitário com aproveitamento do teto, em forma de mezanino.

4º Pavimento

Os dois blocos são incomunicáveis neste pavimento.

As escadas e elevadores dão acesso apenas ao lado menor do pavimento, que tem a menor área de todos eles (154,25m²).

Existe um sanitário-vestiário de péssimo acabamento e em mau estado de conservação.



Figura 11 – Vista desde o hall dos elevadores do 4º pavimento, mostrando o vazio interno com trabalho da artista plástica Lia Menna Barreto e, à esquerda, foyer do auditório Barbosa Lessa. Foto: Del Re + Stein.

Os mezaninos do terceiro pavimento, no bloco dos fundos, estão praticamente nivelados com este pavimento (4º), mas dependem, para seu acesso, de escadas internas ao terceiro.

5º Pavimento

Foi mantida a planta original, com pequenas alterações e acréscimo de esquadrias e revestimentos modernos, hoje desgastados e inadequados.

Esta planta é bastante diferenciada das demais. É a única que, formada pelo bloco da frente e parte do bloco dos fundos, está totalmente no mesmo nível. Configura-se como um pavimento entre medianeiras com poços de iluminação e ventilação, típicos do centro da cidade.

Mesmo com as modificações que sofreu, este pavimento emana uma agradável sensação de época.

6º Pavimento

Volta a planta em “L”, mais ou menos regular. O grande salão dos fundos situa-se num nível inferior ao do restante do pavimento (-1,11m).



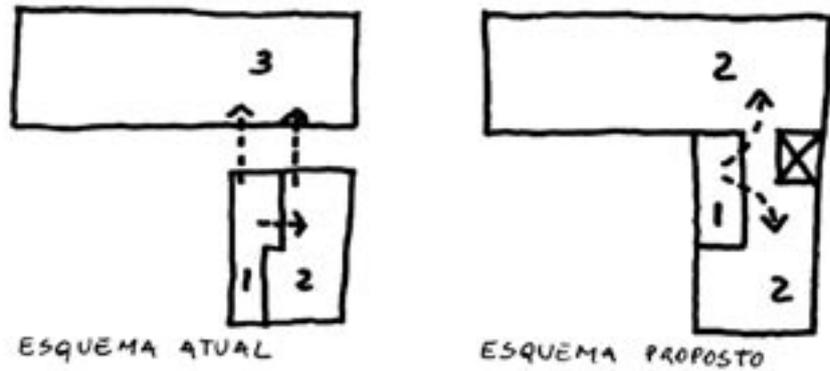
Figura 12 - Mezanino metálico não original construído pela CEEE. Em seu lugar foi construído o auditório Barbosa Lessa. A estrutura metálica do mezanino foi reaproveitada para fazer a laje inclinada do auditório e foyer. Sob a laje nova estão os camarins, serviços e instalações técnicas. Foto: Beto Rodrigues.



Figura 13 – Montagem de laje pré-moldada sobre estrutura metálica realocada, criando o foyer do auditório no 4º pavimento. Foto: Beto Rodrigues

A impressão geral do pavimento não é boa, está muito deteriorado e o forro de madeira lhe dá um ar precário, incongruente com a época do edifício. Terão substituído um antigo estuque?

Há problemas de infiltração e de isolamento térmico.



Desenho I - Croqui proposta de mudança na forma de circulação do edifício

Resultados alcançados

Dadas as contingências analisadas, a re-arquitetura do edifício buscou compatibilizar seus valores primordiais com as novas intenções de uso. Em certo sentido, o novo programa valorizou muito mais a arquitetura do prédio do que a função que o ocupou por tantos anos e que acabou por desfigurar-lhe internamente. O centro cultural pode descartar a maior parte das intervenções que foram feitas, permitindo a recuperação, inclusive, de aspectos originais prévios à ocupação pela Companhia Brasileira de Força Elétrica. Entretanto, o norte de uma rearquitetura é recuperar a idéia de lugar que o edifício já teve, trazendo de volta a animação, a vida intensa para dentro do edifício, tornando-o não apenas útil, mas referência viva para a cidade. Para isso, como não se volta ao passado, é preciso fazer alterações e acréscimos que tornem possível sua revitalização. É preciso que os jovens consigam fazer uma leitura dupla: um lugar contemporâneo construído num lugar que tem uma história pregressa e que ambas são e foram interessantes a seu tempo; que os mais velhos rememorizem um tempo que já passou, curtam a novidade e possam fazer comparações.

A primeira visita ao edifício já havia chamado a atenção para algumas dificuldades. Como se poderia integrar a loja e todos os níveis do térreo com o restante do edifício, acessado por circulação exclusiva? Como movimentar uma quantidade muito grande de pessoas por elevadores tão pequenos? Como criar espaços necessários para a infraestrutura necessária (ar condicionado, serviços)? As respostas



Figura 14 - Auditório Barbosa Lessa ocupando grande salão com pé-direito triplo nos fundos do edifício. Foto: Del Re + Stein

a estas perguntas foram a base da concepção de um centro cultural integrado, que aproveita a concepção original das plantas do edifício, apesar de nunca terem sido usadas com esta clareza: dois retângulos interligados por uma passarela (des. 1).

A idéia foi ressaltar a existência dos dois poços de ventilação trazendo-os para dentro da edificação. O da esquerda aproveitado para construção de novos elevadores e hall de distribuição para os pavimentos, criando uma centralidade e uma referência interna. O uso de aço e vidro, inclusive nos entrespisos, deixando marcada a sua intromissão no edifício histórico, permitiu reaproveitá-los com a possibilidade de a luz atingir os pavimentos inferiores (fig. 6 a 11). O da direita se transformou num vazio interno, atuando como integrador e orientador, valorizado pela abundância de luz o trabalho artístico na parede de tripla altura, convidando à subida, ao passeio arquitetônico. A idéia inicial de elevar o vitral até o nível do forro do quarto pavimento, integrando também o térreo nesse vazio, foi vetada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Este arranjo permitiu a ocupação até o quarto pavimento com espaços dedicados ao uso comum do centro cultural e de maior afluência de público, como o auditório (fig. 14), o museu da eletricidade, a sala de exposição (fig. 15) e o café (fig. 4). A construção de uma laje inclinada no grande salão de pé-direito triplo criou o necessário espaço para o auditório, deixando fora de circulação uma área importante para os camarins, serviços e equipamentos técnicos no terceiro pavimento (fig. 13). Também o foyer do quarto

pavimento pode ser usado para apresentações múltiplas e eventuais recitais ou concertos ao meio-dia, espalhando música pelo edifício. Os andares superiores, quinto e sexto, preservam o lay-out original e, situados acima do vazio interno do edifício, são naturalmente mais reservados e dedicados às atividades administrativas, técnicas e de pesquisa. Dominando o último andar, uma grande biblioteca abriga os acervos particulares dos escritores gaúchos.

A antiga loja do térreo se transformou no grande espaço de acolhida e distribuição dos visitantes. A antiga lógica do edifício foi rompida com a derrubada parcial da parede que o dividia em dois. Agora uma única entrada acolhe os visitantes, que são encaminhados pelas escadarias até os elevadores. Os portadores de deficiência física podem continuar a usar a antiga circulação do térreo, transformada num falso subsolo, que também funciona, com o túnel construído, como segunda saída de emergência (fig. 5).

Pretende-se que o térreo, com a recepção, informações, café e uma loja-livraria vendendo as coleções dos autores que o Centro abriga e as edições e lançamentos que venham a promover, seja um lugar animado, de encontro e cruzamento, ponto de centralidade e convergência de todo o complexo cultural. A ele se vincula uma sala de exposições, mais abrigada e reservada (fig. 15), e o café que volta a ocupar o mezanino (fig. 4). Dali, através dos elevadores, chega-se às demais atividades e, certamente, à descoberta do vazio cheio de significado com o trabalho de Lia Menna Barreto que integra o segundo, terceiro e quarto pavimentos.

O segundo pavimento valoriza o salão nobre, local ideal para entrevistas coletivas de escritores, lançamento de livros e reuniões especiais e cerimônias da própria CEEE ou entidades ligadas à cultura. Por enquanto esse salão abriga peças do acervo do Museu da Eletricidade. O salão dos fundos transformou-se no lugar de recepção aos visitantes do Museu da Eletricidade e do museu interativo da eletricidade, um pouco surpreendente pelo acesso lúdico, em forma de um corredor de descargas elétricas que simulam uma tempestade nos céus de Porto Alegre.

O terceiro pavimento abriga o memorial Érico Veríssimo, mostrando preciosidades do seu acervo e recebendo grupos para trocas de idéias e debates sobre literatura, bem ao molde do ambiente que o escritor cultivava em sua casa (fig. 16). As demais áreas do pavimento são cedidas ao uso técnico e de apoio ao cine-teatro que, apesar de possuir o palco neste pavimento, tem seu endereço de acesso ao público no quarto pavimento. Além do palco, os camarins e depósito do cine-teatro localizam-se neste pavimento. O restante do pavimento



Figura 15 – Sala de Exposições no térreo. Foto: Beto Rodrigues



Figura 16 – Sala Erico Verissimo no 3º pavimento. Painéis de Leandro Selister realizados a partir de fotos da sala da residência do escritor. Foto: Beto Rodrigues.

é utilizado para abrigar os serviços gerais do edifício, fan-coil do auditório do segundo pavimento e cine-teatro e sanitários para o público visitante.

O quarto pavimento é totalmente ocupado pelo auditório Barbosa Lessa, com capacidade de 160 lugares. Para isso, foi demolido o mezanino existente (não-original do edifício) e construída uma laje e uma arquibancada descendo até o terceiro pavimento (fig. 11 a 14). A configuração da sala, com boa acústica, iluminação, sonorização e

camarins para os artistas, é propícia, além do cinema, a espetáculos que prescindam da troca de cenários ou recursos cênicos sofisticados. Também pode ser utilizada para apresentações musicais, mímicas e grupos folclóricos. Serve ao auditório um foyer que também pode ser utilizado para palestras, pequenos concertos ou exposições.

O quinto pavimento, o mais original dos pavimentos superiores, sofreu restauro *stricto sensu* para as atividades administrativas do centro cultural. A planta não foi modificada, mas recuperada, com a retirada dos forros e revestimentos modernos, a sua escala e proporção original.

O sexto e último pavimento mantém sua estrutura de planta ocupada pela biblioteca e salas de aula. Para garantir a estanqueidade, o telhado que encontramos (não original) foi reformado e providenciado o isolamento térmico, antes inexistente. Este e o pavimento anterior foram destinados a abrigar os acervos de escritores gaúchos, com destaque para a obra de Erico Verissimo. Para isso, foram montadas salas especiais para guarda dos acervos, para pesquisadores, para catalogação, encadernação e laboratório de restauração e conservação de livros e documentos. No último andar está localizada uma biblioteca que conta com as coleções privadas de alguns escritores do Estado.

Finalmente, foram construídos mais dois pavimentos sobre a cobertura com a utilização de estrutura de aço, para abrigar as casas de máquinas dos novos elevadores, dos equipamentos de ar condicionado que garantirão a climatização total do edifício e do gerador de 60 KVA.

A energia que inicialmente seria garantida pela rede de network da área central da cidade teve que ser resolvida, já no final da obra, com a localização de um transformador de 500KVA na própria obra. Como se tratava de um transformador seco, sem perigo de explosão, foi achado um lugar nada ortodoxo, com a diminuição do grande pé direito, com a construção de uma laje, da saída da escada de incêndio próximo ao hall de entrada.

Na questão de segurança, o centro cultural atende a todas as exigências da Prefeitura Municipal (SMOV e Comissões de Incêndio e Acessibilidade). Por ser uma edificação tombada pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), o projeto foi aprovado por este Instituto, e por estar na zona do Corredor Cultural de Porto Alegre, também passou pela aprovação pela EPHAC (Equipe do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural

da Secretaria Municipal da Cultura) e pelo COMPHAC – Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

O edifício conta com acessibilidade universal, sendo que nos espaços desnivelados com o nível principal do andar, o acesso se dá através de equipamentos especiais, sendo 4 plataformas elevatórias, a saber: do térreo ao mezanino (café), no museu interativo da eletricidade (2º pav.), no acesso ao palco do auditório (3º/4º pav.), no acesso ao salão principal da biblioteca. O acesso à sala de exposições do térreo foi resolvido com um trator móvel tipo Stair Trac para não ofender as características da arquitetura do local.

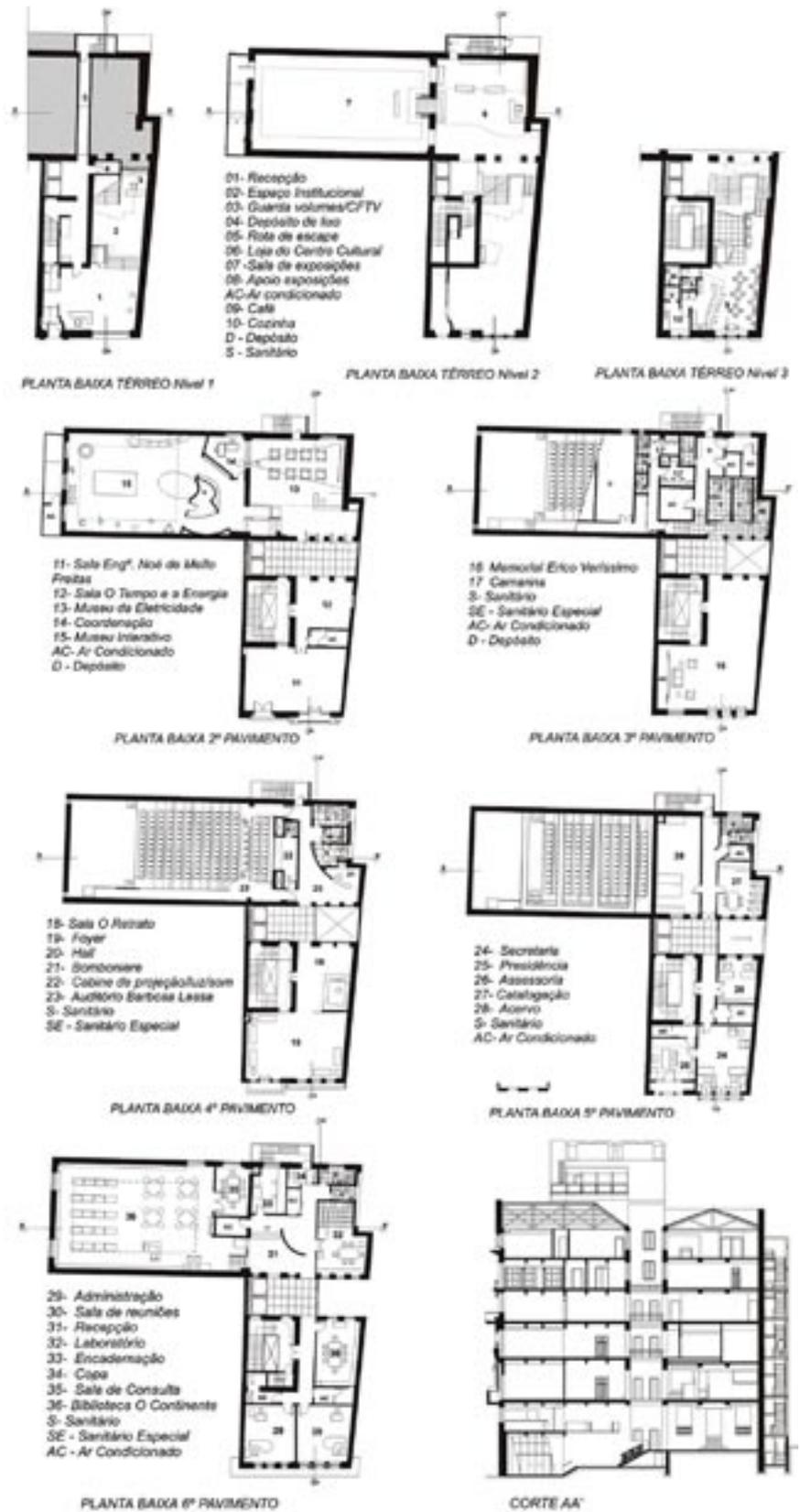
A edificação possui sistema integrado de prevenção contra incêndio, contando com sistema de sprinklers, escada interna pressurizada e uma nova escada externa de emergência, que possui saída para a Rua dos Andradas através de um túnel que atravessa a edificação e desemboca na recepção, com acesso à rua.

Os trabalhos artísticos especialmente produzidos são dos artistas Lia Menna Barreto – painel entre 2º e 4º pavimentos (fig. 11), Leandro Selister - Sala Erico Verissimo, e no Museu Interativo da Eletricidade a cenografia é de Elcio Rossini com os experimentos projetados e executados por Pedro Mohr.

O Centro Cultural CEEE Erico Verissimo nasceu, como dissemos, com a pretensão de fazer uma costura inteligente, unindo interesses públicos e privados. Mas é claro que a arquitetura apenas respondeu a essas pretensões, não tendo o poder de dar alma aos lugar. Isso, são as pessoas que fazem. Ironicamente, desde sua inauguração no final de 2002 até a presente data, esse centro cultural ainda carece de pleno funcionamento, vítima da dificuldade de entendimento entre as diversas entidades que lhe deram origem.



Desenho 2 – Plantas do levantamento do Edifício Força e Luz



Desenho 3 – Plantas após a intervenção no Edifício Força e Luz

FICHA TÉCNICA

Endereço: Rua dos Andradas 1223, Porto Alegre. www.cccev.com.br

Data do projeto: 2001; Conclusão da obra: 2002;

Área Original: 2.615,00 m²; Área atual: 2.800,00 m²

Arquitetura, Gerenciamento de Projetos e Fiscalização da Obra

Arq. Flávio Kiefer (autor),

Arq. Carmen Nunes, Arq. Leonardo M. Hortencio, Arq. Marcelo Kiefer
(colaboradores),

Roberta T. N. Lopes, Elisa Tormena (estagiárias)

Consultoria Cultural

Telos Empreendimentos Culturais

Fernando Schuller

Pedro Longhi

Estruturas

Padoin & Sachs Engenharia de Estruturas

Projeto de Instalações e Segurança

Filippon Engenharia Ltda

Projeto de Ar Condicionado

Projetos Avançados Engenharia Ltda

Projeto Luminotécnico

H&S Consultores Associados

Comunicação Visual

Arq. Júlio Caetano da Silva (autor)

Camilo Bassols(estagiário)

Mobiliário e Acessórios

Arq. Viviane Maglia (autor)

Arq. Anelis Flôres (colaborador)

Cenografia e experimentos do Museu Interativo da
Eletricidade

Arq. Pedro Alfredo Mohr

Eng. Frederico Sporket

Alberto Maurício Drechsler

Shirley Blauth Mohr

Élcio Rossini

Bloco Arquitetura

Acústica

Arq. Flávio Simões

Consultorias

Alexandre Pinho – Sonorização e equipamentos cênicos auditório
Elaine Azambuja – Equipamentos laboratórios de restauração,
conservação, encadernação
Ricardo Azevedo – Prevenção de Incêndio

Painéis Artísticos

Lia Menna Barreto - Borboletas
Leandro Selister – Sala Erico Verissimo

Orçamentação

Planitec Ltda.

Gerenciamento da Obra

Eng. Daniel Andrade
Arq. Roberto Hentschke
Cesar Gustavo Ramos, Marcio Borsoi (estagiários)

Adminstração da Obra

Pedro Longhi
Supervisão da Execução
Eng. Carlos Marcelo Cecin
Arq. Eunice Fichtner Patines
Arq. Herculano Almeida Barreto

Referências bibliográficas

- BARDI, Lina Bo. Lina Bo Bardi. Ferraz, Marcelo Carvalho (org.). São Paulo: Empresa das Artes, 1993.
- BYARD, Paul Spencer. *The Architecture of Additions* – design and regulation. New York: Norton, 1998.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.
- FROTA, José Artur D'Aló. *Re-Arquiteturas*. Arqtexto 5, 2004, 110-141. Porto Alegre: PROPAR, 2004.
- KIEFER, Flávio. A Utopia Sobrevive. In: *Revista Projeto*. São Paulo: Projeto, ago, 1991, 64-71.
- KIEFER, Flávio. A Arquitetura de um Centro Cultural. In BORDINI, Maria da Glória (org). *Centro Cultural CEEE Erico Verissimo: memória que gera cultura, cultura que gera memória*. Porto Alegre: CCCEV, 2002, 107-127.